

# A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

(1990 A 2005)

## RESIDÊNCIA ESTUDANTIL

Entre os desafios  
e possibilidades  
em ser residente  
da UFRPE

## RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

Presença  
e ausência  
na vida  
acadêmica.

## “A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA”

A dimensão  
festiva do  
Departamento de  
Assistência Estudantil

---

## **EXPEDIENTE**

**Redação e edição**  
Simone Muniz da Silva

**Orientação**  
Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim

**Ilustrações e projeto gráfico**  
Rayssa Molinari

Produto (Mestrado) – UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em História  
(PPGH/UNICAP)

Foto de capa  
Obra sem título  
Autor: Lula Cardoso Ayres  
(1910-1987)

Painel que ambienta o Salão Nobre da Universidade Federal Rural de Pernambuco



Fonte: site "Artes da UFRPE" (<http://ww5.ead.ufrpe.br/artesufrpe/>)

Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - EADTEC UFRPE, 2023. <http://ww5.ead.ufrpe.br/>. Disponível em: > <http://ww5.ead.ufrpe.br/artesufrpe/obra10.php>> Acesso em 21 de jan. de 2023.

“Uma das obras mais emblemáticas da UFRPE. Esse painel ambienta o Salão Nobre da universidade. Ele foi pintado em 1957 e retrata a história da universidade, a partir de imagens que representam as áreas geográficas de Pernambuco e cenas ligadas à agricultura e à pecuária. Na época de sua idealização a UFRPE ofertava, na cidade de Recife, apenas os cursos de Agronomia e de Medicina Veterinária e por isso, sua identidade era essencialmente rural”.



# Índice

## **6 O "ANTIGO" DAE:**

Memórias dos funcionários da  
Assistência Estudantil da UFRPE

## **11 RESIDÊNCIA ESTUDANTIL:**

Entre os desafios e possibilidades  
em ser residente da UFRPE

## **15 RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO:**

Presença e ausência na  
vida acadêmica.

## **22 "A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA"**

A dimensão festiva  
do departamento de  
assistência estudantil.

## **26 ENTREVISTA**

# Bem Vindo



## Editorial

A assistência estudantil é composta por um conjunto de ações que têm por objetivo minizar desigualdades sociais e contribuir com a política de educação, na permanência dos estudantes e na conclusão do curso superior.

Nesta revista, os(as) leitores(as) poderão conhecer um pouco da experiência da política assistência estudantil na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, entre os anos de 1990 ao início dos anos 2000.

A partir das memórias dos que vivenciaram a assistência estudantil na UFRPE, será possível adentrar em aspectos do funcionamento da política:

No artigo "O ANTIGO DAE: Memórias dos funcionários da assistência estudantil da ufrpe", os servidores do Departamento de Assistência Estudantil – DAE trazem experiências pessoais e profissionais sobre a política; em "RESIDÊNCIA ESTUDANTIL: Entre os desafios e possibilidades em ser residente da ufrpe", são os ex-moradores e moradoras das casas de estudantes que nos apresentam suas vivências sobre as dificuldades e facilidades em terem sido atendidos e atendidas por essa ação.

Enquanto no artigo "RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO: Presença e ausência na vida acadêmica", poderemos conferir as impressões da instabilidade desse equipamento e sua representação na vida dos(as) discentes dentro da instituição; Em "A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA: A dimensão festiva do Departamentode Assistência Estudantil" trará a perspectiva do lazer, também como algo agregador à assistência oferecida aos estudantes.

Por fim, é ainda oferecido aos(as) leitores(as) a oportunidade de conhecer um pouco da história de uma ex-usuária da política de assistência estudantil e compreender o quão significativo é para os(as) discentes ser atendido(a) por uma política pública da importância da assistência estudantil.

Desejamos a todos(as) uma boa leitura!



O Departamento de Assistência Estudantil - DAE foi responsável pelas ações de assistência ao estudante na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE até o ano de 2005. O DAE era um setor subordinado à reitoria e foi criado em 1975, a partir do Plano de Reestruturação da UFRPE (Decreto nº 76.212/75).

## O antigo DAE: memória dos funcionários da Assistência Estudantil da UFRPE

<sup>1</sup>Vista frontal do antigo DAE (Atualmente, anexo da Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão - PROGESTI)

Fonte: MUNIZ, Simone (2009) <sup>2</sup>

Naquela época, a Universidade buscava alinhar sua organização às leis que originaram as reformas do ensino superior no final dos anos 60, estabelecidas pelos governos militares.

Esse departamento tinha como finalidade exercer a função administrativa de

atendimento ao estudante, prestado tanto através de atividades integrativas relacionadas ao "contexto universitário e a vida social (incentivo a formação cívica, programas culturais,



<sup>1</sup>Acervo particular da autora. Designe elaborado em 10 de janeiro de 2023.

## Organograma do DAE

Fonte: Elaboração Própria

artísticos, desportivos, estímulos às atividades associativas dos estudantes por meio dos Diretórios Acadêmicos e Diretório Central dos Estudantes, dentre outras)", quanto o atendimento específico "aos alunos de baixa renda ou carentes de recursos"<sup>3</sup>. Por meio de duas divisões, o DAE desenvolvia suas atividades: a Divisão de Atividades Socioeconômicas – DASE e a Divisão de Atividades Especiais – DATE. Essas divi-



sões eram compostas de seções que executavam a Política de assistência estudantil na UFRPE. As ações, desde sua criação, eram inúmeras e diversas, isso porque o DAE era justamente o setor responsável por oferecer assistência a maior parcela da comunidade acadêmica: os discentes.

Com o passar dos anos, as ações se cristalizaram em festividades e solenidades direcionadas ao alunado; Residência Estudantil (casas de estudantes); Restaurante Universitário (RU) e uma bolsa denominada Bolsa de Trabalho.

Os servidores que trabalharam no DAE lembram com

**“O DAE era muito movimentado na época da prof.<sup>a</sup> Célia, do prof. Inaldo também, era muito movimentado. (...) O DAE trabalhava com essa população toda de estudante<sup>4</sup>”.**

nostalgia dos tempos em que esses dois diretores estiveram à frente da administração do departamento; a professora Célia Marinho da Costa Soares dirigiu o DAE entre 1980 e 1990 e o professor Inaldo Galdino de Menezes de 1998 a 2005.

<sup>3</sup> BRASIL. Estatuto da Universidade Rural de Pernambuco - aprovado na sessão de 04/11/1975. Brasília, DF: MEC, 1975.

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Rui Ricardo Almeida; servidor da UFRPE, lotado no Departamento de Assistência Estudantil de 1987 a 2015, quando se aposentou.

A primeira marca a entrada de maior parte dos servidores da assistência estudantil na instituição, que permaneceram no departamento por décadas. O segundo foi o último diretor do DAE antes do setor ser transformado em Pró-reitoria em 2006. Inserida na Divisão de Atividades Socioeconômicas – DASE, a Seção Sociocultural ocupa um lugar especial quando se trata da memória dos servidores do DAE:

A Seção de Bolsas e Estágios da DASE, nos anos 90 ofereceu a Bolsa de Trabalho, que era destinada a alunos carentes da UFRPE, o DAE também administrava essas bolsas, e apesar de elas serem ofertadas de forma descontínuas, auxiliou em certa medida a permanência de estudantes desprovidos de recursos financeiros durante algum tempo.

**“A gente fazia umas festas aqui para os estudantes e a gente arrumava gente para tocar, aquele negócio todo e era muito divertido essa época dessas festas, que a gente fazia festa junina, era muito bom. Essas festas a gente se divertia muito, divertia os estudantes, os residentes e se divertia também. Porque a gente trabalhava se divertindo, era uma coisa que a gente trabalhava se divertindo”.<sup>5</sup>**

O programa de residência universitária da UFRPE, sob gestão do DAE, oferecia aos discentes moradia e refeições gratuitas no restaurante universitário. Entre 1990 a 2011 funcionaram 04 casas de estudantes<sup>6</sup>: a casa 01; a casa 02; a casa 03 e a casa 04(única casa destinada ao público feminino). Saudosos de um contato mais próximo aos estudantes, principalmente os re-

**Quando era DAE o estudante vinha aqui, eu acho que era mais fácil para resolver as coisas, entre o DAE, o residente e a reitoria. Agora com Pró-reitoria ficou totalmente diferente. (...) Era muito diferente de agora, eles eram mais comunicativos, eles chegavam aqui, conversavam. Antes os estudantes vinham muito aqui.<sup>7</sup>**

sidentes das casas de estudantes, os servidores fazem diferenciações entre a época em que a assistência estudantil funcionava como departamento e não como Pró-reitoria. A maneira como se deu a transição do DAE para Pró-reitoria de Assistência Estudantil é um ponto espinhoso que alguns entrevistados nem quiseram comentar, seja por decepção ou receio perante a instituição. Porém, outros fizeram questão de expressar a opinião sobre a postura institucional com a extinção do DAE.

<sup>5</sup>Entrevista concedida por Maria Francisca Pedrosa, Auxiliar de Nutrição e Dietética do Restaurante Universitário desde 1982. Servidora ainda em exercício.

<sup>6</sup> No ano de 2011, a casa 01 e casa 03 foram demolidas e seus moradores receberam um valor em pecúnia (auxílio moradia) para custear aluguel até a nova residência estudantil da UFRPE ficar pronta. No terreno onde funcionava a casa 01 foi construído um prédio de quatro pavimentos que oferece vagas em andares mistos, denominado Condomínio Luiz Gonzaga.

<sup>7</sup> Helina (nome fictício), ex-servidora do DAE.



A transformação do DAE em Pró-reitoria fez parte de um processo no qual a UFRPE buscou orientar a política interna de assistência estudantil para a chegada do Programa Nacional de Assistência Estudantil- PNAES, instituído pela Portaria nº 39 do Ministério da Educação em 2007, que previa como diferencial principal em relação ao DAE um orçamento próprio e específico para as ações de assistência estudantil. O status alçado pela assistência estudantil seria algo indispensável na UFRPE, no entanto, o jogo político e de poder não agradou a maior parte dos servidores do DAE <sup>8</sup>.

## Vista frontal do anexo da Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão - PROGESTI (Antigo DAE)



Fonte: MUNIZ, Simone (2023)

“A maior injustiça praticada aqui nessa Instituição foi essa transição de Departamento de Assistência Estudantil para Pró-reitoria. Houve uma injustiça, vou repetir e repito todas as vezes que for perguntado, houve uma injustiça tremenda no momento da transição. Porque o Diretor do DAE era o Pró-reitor, entendo eu, naturalmente isso aconteceria. Aí por política da Universidade Rural não foi ele quem assumiu, foi um outro professor, que também não tem culpa nenhuma na história, a culpa é da gestão superior, da ingratidão que foi feita, do erro que foi feito, do erro estratégico que foi feito, porque para mim houve um erro estratégico.”<sup>8</sup>”

<sup>8</sup>Os servidores entrevistados apresentaram descontentamento com a transição do DAE para Pró-reitoria, uns em menor, outros em maior escala.

<sup>9</sup>Entrevista concedida por Ricardo Gonçalves Pereira Rêgo; Assistente em Administração, lotado no DAE desde 1998, ex-diretor da DASE e ex-Coordenador na Pró-reitoria de Gestão Estudantil. Servidor aposentado em 2022.

De modo geral, os servidores do antigo DAE nutrem uma relação de familiaridade com a universidade, raras exceções, quase todos tiveram parentes que já trabalhavam na UFRPE.

Em alguns casos foram esses familiares que influenciaram ou se articularam institucionalmente para o trabalho.

O restaurante universitário, por sempre ter demandado um grande número de trabalhadores, foi em muitos casos a porta de entrada para o início desses servidores na assistência estudantil.

Os mais antigos lembram, inclusive, como se davam as relações dos vínculos trabalhistas; antes de serem contratados

sob o amparo da Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, era comum que prestassem serviços à UFRPE sob a denominação de "recibados", que consistia na colaboração de natureza eventual a administração pública.

## Vista frontal do anexo da Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão - PROGESTI (Antigo DAE)



Fonte: MUNIZ, Simone (2023)

Em meados dos anos 80, o decreto-lei nº 2.280 de dezembro de 1985 transformou os contratos pela CLT em cargos efetivos da universidade, incorporando os servidores ao Serviço Público Federal. Os vínculos afetivos com a Universidade e com a assistência estudantil marcaram, definitivamente, a vida desses servidores, que atuaram para oferecer minimamente à classe discente um serviço dentro dos parâmetros de qualidade possibilitados pela Instituição. O prédio onde funcionou o antigo DAE, hoje é conhecido como anexo da Progesti e apesar do passar dos anos, pouco mudou em sua estrutura. Novos servidores

foram incorporados ao quadro de funcionários enquanto outros se aposentaram, mas o lugar ainda serve ao seu propósito inicial, assistir o estudante.

## Referências:

BRASIL. Decreto nº 76.212 de 04 de setembro de 1975. Aprova o Plano Reestruturação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

\_\_\_\_\_. Decreto – Lei nº 2.280 de dezembro de 1985. Cria, mediante transformação, empregos na Administração Federal direta e nas autarquias federais e dá outras providências

\_\_\_\_\_. Estatuto da Universidade Rural de Pernambuco - aprovado na sessão de 04/11/1975 Brasília, DF: MEC, 1975.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Portaria Normativa 39/MEC. Brasília, DF: Ministério da Educação, 12 dez. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Conselho Universitário. Resolução nº 106/1975. Dispõe sobre o regimento da reitoria da UFRPE.

<sup>10</sup> Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão.



# Residência estudantil: Entre os desafios e possibilidades em ser residente da UFRPE

Fonte.: Arquivo da Coordenadoria de Comunicação Social - CCS da UFRPE (anos 2000).

A memória é um importante instrumento de (re) construção do passado, segundo o Sociólogo francês Maurice Halbwachs, “uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso <sup>11</sup>” .

Ter morado em uma das casas de estudante da UFRPE<sup>12</sup> , certamente marcou a história e permanece presente na memória dos egressos daquela instituição, que usufruíram dessa ação de assistência estudantil. Ao conhecer as narrativas de um grupo de estudantes que foram residentes é possível se aproximar dos desafios enfrentados pelos jovens, bem como das facilidades e possibilidades que a condição de morador da casa de estudante proporcionava.

## Vista lateral da casa O<sup>1</sup> (casa masculina)

Fonte: residentesufrpe.blogspot  
(<http://residentesufrpe.blogspot.com/2012/05/fotos-da-futura-residencia.html>), 2012.



<sup>11</sup>SILVA, G. F. A memória coletiva. Revista Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>2016</sup> (Resenha).

<sup>12</sup>As residências da UFRPE eram constituídas de quatro habitações: a casa <sup>01</sup>, prédio próximo ao Departamento de Agronomia; a casa <sup>02</sup>, perto ao Hospital Veterinário; a casa <sup>03</sup>, que ficava no terreno por trás da Biblioteca Central e a casa <sup>04</sup>, única casa que funcionou exclusivamente para o público feminino, as demais eram habitadas pelo público masculino. No ano de <sup>2011</sup>, a residência n<sup>o</sup> <sup>01</sup> foi demolida e construída em seu lugar o Condomínio Luiz Gonzaga, prédio constituído de quatro pavimentos para o qual foram realocados inicialmente os discentes advindos da casa <sup>01</sup> e casa <sup>03</sup>(que também foi demolida), anos depois com a reforma da casa n<sup>o</sup> <sup>02</sup>, os discentes dessa casa também passaram a morar no Condomínio Luiz Gonzaga. Esses investimentos na área de moradia estudantil na UFRPE são decorrentes do repasse de orçamento único referente ao Programa Nacional de Assistência Estudantil, instituído em <sup>2007</sup>.

O primeiro desafio era propriamente ingressar na residência, pois geralmente havia mais candidatos do que vagas ofertadas.

**“Por meu pai ser funcionário público, eu não me encaixava no perfil. Porém, eu já era casado e pai de um filho, e tanto eu quanto a esposa, pais jovens e desempregados. O questionário de acesso não contemplava quem já está emancipado. Então tive que passar por duas seleções e visita a minha família em Belo Jardim.”<sup>14</sup>**

Além da peneira, que deixava de fora estudantes com perfis diferenciados, havia ainda alguns critérios excludentes<sup>15</sup>, que impossibilitavam o ingresso de discentes que potencialmente também precisavam da moradia.

**“Morei como penetra, pois, na época eu já tinha uma formação universitária, porém estava desempregada. Fiquei morando de penetra porque quando cheguei para morar na casa falei da minha situação financeira e o Diretor do DAE da época me permitiu ficar. Quando terminou a gestão desse diretor começou minha saga de perseguição. O novo diretor que assumiu o DAE (...) fazia questão de jogar na minha cara que eu só estava na casa porque quando ele chegou já me encontrou lá. A minha sorte foi que eu me envolvi com o movimento estudan-**

**til junto com algumas meninas da casa, aliás foram elas que me levaram para morar de penetra, e assim durante todo o tempo elas me protegiam”<sup>16</sup>.**

Isso fazia com que os desafios comesçassem antes mesmo de fazer parte da Residência Estudantil.

Um desafio constante era lidar com a estrutura oferecida pela Universidade, principalmente as condições das instalações físicas das residências, quase sempre precisando de reformas e que se agravavam com o tempo. É importante destacar que, a época descrita pelos discentes correspondeu ao início da ofensiva neoliberal na política e economia brasileira; o primeiro presidente civil eleito por voto direto, Fernando Collor de Melo, após o processo de redemocratização do país, implementou “um programa que previa uma profunda alteração do papel do Estado (...) seu governo marca o início de um ciclo de reformas liberais, que se aprofundarão nas administrações seguintes”. Dentro do pacote de políticas públicas, afetadas por essas decisões do governo central, estava a educação brasileira.

Como as ações de assistência estudantil tinham que dividir com o resto da Universidade a mesma verba destinada às outras atividades universitárias (verba de custeio), por vezes a assistência estudantil não tinha a devida prioridade, o que dificultava a vida de quem vivia da política de moradia institucional.

**“Morei na residência estudantil masculina O2. Na época em que estive lá carecíamos de uma boa sala de estudos e de banheiros melhor estruturados”<sup>18</sup>.**

<sup>13</sup>As narrativas dos estudantes dispostas nesta revista fazem parte de respostas contidas em um questionário aplicado a ex-residentes da UFRPE de maio a junho de 2022. Os discentes ficaram livres para oferecer suas opiniões sobre as ações de assistência estudantil as quais usufruíram. Alguns discentes preferiram não ter seus nomes divulgados, enquanto outros deram autorização para que fosse usado o nome verdadeiro.

<sup>14</sup> Aroldo Ferreira Campos, ex-morador de uma das Residências Estudantis da UFRPE, passou a ser residente no ano de 2002.

<sup>15</sup> Um dos critérios para o acesso às casas era não ser diplomado em nenhuma outra graduação (Resolução nº 91/1990, que aprova Regimento das Residências Estudantis da Universidade Federal Rural de Pernambuco).

<sup>16</sup> Carmelita Maria Ramalho, ex-moradora da casa de estudante feminina, residente de 1998 a 2003 na Residência Estudantil da UFRPE.

<sup>17</sup> FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985-2006)**, coleção O Brasil Republicano, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

<sup>18</sup> Heitor (nome fictício), ex-morador de uma das Residências Estudantis da UFRPE, passou a ser residente no ano de 1994.



**Vista lateral da casa O2  
(casa masculina)**

Fonte.: Arquivo da Coordenadoria de Comunicação Social - CCS da UFRPE (anos 2000).



Mas existiam também muitos aspectos positivos em ser um residente, estar dentro da Universidade em tempo integral abria um leque de facilidades e possibilidades, como se dedicar a atividades extracurriculares e maior acesso aos espaços oferecidos aos discentes, como a biblioteca, movimento estudantil e as atividades nos laboratórios de pesquisa, dentre outros.

**“O principal aspecto positivo é não ter tido despesas financeiras com moradia e alimentação. Outro aspecto é não precisar pegar transporte público diariamente para chegar à Universidade, tendo mais tempo para descansar e estudar. O tempo em que passei como residente foi importante, também, na minha formação pessoal, pois a convivência com outros residentes me fez amadurecer e saber lidar com as diferentes formas de conviver coletivamente<sup>19</sup>.”**

A dimensão objetiva da vida dos moradores das casas de estudante, ou seja, ter “teto e comida” garantidos sem que isso fosse uma preocupação, se desdobrava na dimensão educativa que foi a experiência de morar em coletividade, viver em uma residência estudantil também é aprendizagem, o acesso a outras formas de ver o mundo, por meio do contato com os mais diversos perfis de estudantes, de regiões diferentes do país e do Estado, o desenvolvimento da alteridade.

A aprendizagem com as contradições que o convívio coletivo oferece, ajuda a questão da tolerância, do respeito ao diferente e as adversidades do dia a dia, ajuda a lidar com os conflitos de interesse e éticos.

No final das contas, o que ficou para os discentes foi não só a experiência, mas a realização do que para muitos representava um sonho, a conclusão do curso superior. A Residência Estudantil representa até hoje uma importante iniciativa direcionada aos discentes de contribuição para a efetivação desse sonho.

<sup>19</sup>Guilherme (nome fictício), ex-morador de uma das Residências Estudantis da UFRPE, passou a ser residente no ano de 2003.

“Sem a residência estudantil eu não teria condição de estudar em outra cidade ou outro Estado, no meu caso. A residência estudantil me proporcionou uma garantia de me formar no curso

que escolhi fazer. Minha família não tinha nenhuma condição econômica para me manter estudando em outra condição de moradia que não fosse a residência estudantil<sup>2º</sup>.”



### Vista da entrada da casa 03 (casa masculina)

Fonte: Arquivo da Coordenadoria de Comunicação Social - CCS da UFRPE (anos 2000).

## Referências:

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985-2016), coleção O Brasil Republicano, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SILVA, G. F. A memória coletiva- Revista Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) 2016 (Resenha).

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Conselho Universitário. Resolução nº 91/1990, aprova Regimento das Residências Estudantis da Universidade Federal Rural de Pernambuco

<sup>2º</sup>Wilams Gomes dos Santos ex-morador da casa de estudante masculina, ingresso na Residência Estudantil da UFRPE em 1989

# Restaurante Universitário:

Presença e ausência  
na vida acadêmica



Fonte: CÂNDIDA, Aurilene<sup>21</sup> (2019)

O Restaurante Universitário da Universidade Federal Rural de Pernambuco sempre desempenhou um papel importantíssimo na dinâmica da instituição, um equipamento considerado basilar na política de assistência estudantil e indispensável, pelo seu teor de atendimento universal à classe discente,

inclusive diversos estudos recentes já concluíram que existe uma ligação direta na utilização do RU com a mitigação da desigualdade social e o problema da evasão escolar dentro das universidades<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Site "Quero bolsa" (<https://querobolsa.com.br/revista/alimentos-do-ru-da-ufpe-contribuem-no-desempenho-academico-de-alunos>).

<sup>22</sup>Sobre os impactos psicossociais da insegurança alimentar nas instituições de ensino, Carvalho (<sup>2021</sup>) cita os estudos conduzidos na Califórnia por Meza, Altman, Martinez e Leung (<sup>2019</sup>) e no Texas por Henry (<sup>2017</sup>). Este último estudo concluiu que a insegurança alimentar teve impactos negativos na motivação dos discentes e no sucesso acadêmico, com queda das notas, dificuldade de concentração, falta de energia, além dos impactos na vida social (CARVALHO, <sup>2021</sup>, p. <sup>706</sup>).



## Vista interna do restaurante da UFRPE no horário do almoço

Fonte.: Arquivo da Coordenadoria de comunicação Social - CCS da UFRPE (anos 90).

Ainda que atendendo de forma diferenciada categorias de estudantes ao longo dos anos, como os residentes das casas de estudante que sempre utilizaram o RU de forma gratuita, diferentemente dos demais estudantes<sup>23</sup>, mesmo assim, o fornecimento de alimentação pelo restaurante da Rural quando disponível fazia um grande diferencial para os discentes como um todo, pois "a boa alimentação melhora não só o rendimento acadêmico, como também as condições de vida das pessoas<sup>24</sup>".

**“Eu entrei em 1991 no curso de Zootecnia da UFRPE, já existia a assistência estudantil, mas não era como hoje que é mais ampla, mas tinha o RU que nós usufruíamos, pagávamos um percentual baixo, mas tinha. Alcansei o RU fechar e teve um movimento do**

**DCE, na época, que bateu em cima, os DA's, porque não era possível uma universidade do porte da Universidade Rural ter o RU fechado por conta de falta de verba federal, não lembro qual foi o ano, mas foi Fernando Henrique Cardoso. Fechou porque não tinha verba<sup>25</sup>.”**

Esse é um outro lado da história do RU da Rural, marcado também pela ausência; não foram poucos os períodos em que a comunidade acadêmica ficou sem o fornecimento de alimentação por meio desse equipamento. Com exceção dos estudantes residentes, que sempre foram atendidos com o fornecimento da alimentação pela instituição, a maioria dos discentes guardam na memória as dificuldades que é vivenciar uma universidade sem RU.

<sup>23</sup> Os discentes não residentes pagam uma taxa para acessar a alimentação no Ru da UFRPE, na fala dos próprios discentes, entre os anos 90 e início de 2000, era uma taxa de valor simbólico.

<sup>24</sup>MOREIRA JUNIOR, F. de J., Pafiadache, C., Loose, L. H. Piaia, R., Scher, V. T., Peripolli, A., & Palm, B. (2016). Satisfação dos usuários do restaurante universitário da universidade federal de santa maria: uma análise descritiva. Revista Sociais E Humanas, 28(2), 83-108. <https://doi.org/10.5902/2317175814891>.

<sup>25</sup>Entrevista concedida por Silvano da Costa Brito, servidor da UFRPE, ex-estudante da graduação na instituição de 1991 a 1995.



**“ Eu peguei o RU antes da reforma, alguns meses, logo quando eu entrei fechou. Como a reforma demorou, eu passei quatro anos e meio lá, e nesses quatro anos e meio ele só veio abrir no último semestre, foram quatro anos de reforma. O atendimento para alimentação era muito restrito, você tinha que se virar se alimentando ali naquelas barraquinhas que ficam em frente da Rural, que não é o melhor local do mundo para se alimentar <sup>26</sup>.”**

Seja porque não havia recursos financeiros suficientes para manter o RU funcionando para toda a comunidade acadêmica, quando acontecia de apenas os residentes das casas de estudantes serem atendidos, ou seja, porque as instalações físicas precisavam de reparos, também em decorrência da falta de manutenção adequada por questões orçamentárias, a ausência do RU sempre provocava impactos na vida acadêmica.

Não ter acesso à alimentação a preços módicos, como acontecia quando o RU estava em operação, atingia principalmente a população de estudantes advindos de famílias em condições financeiras menos favorecidas; eram os discentes pobres os que mais sofriam com a ausência do RU.



**Vista interna do restaurante da UFRPE, fechado devido às infiltrações nas instalações**

Fonte...: Arquivo da Coordenadoria de comunicação Social - CCS da UFRPE (anos 90)



**A alimentação da gente era trazer lanche de casa, quem pudesse, quem não pudesse não trazia. Quem tinha um pouco mais de condição comia nas barraquinhas que ficam na entrada da Universidade, entretanto não tinha muito o que fazer não, ou trazia de casa ou se virava sem ter comida.<sup>27</sup>**

<sup>26</sup> Entrevista concedida por José Nunes Cavalcanti Neto, ex-estudante da UFRPE, graduação de Licenciatura em História de 2004 a 2008.

<sup>27</sup> Entrevista concedida por Thiago Emanuel Pereira da Silva, egresso do curso de Licenciatura em Química da UFRPE, de 2005 a 2012 (o discente trancou o curso em 2007 e retornou em 2009).

Mas os Ru's, além de lugares para satisfazer a necessidade básica de se alimentar, se caracterizam por serem espaço de socialização, organização e convergência política. São ambientes onde os estudantes podem se encontrar e, enquanto comem, podem conversar e discutir suas demandas.



## Estudantes conversam, enquanto esperam para serem servidos e almoçam no restaurante da UFRPE

Fonte.: Arquivo da Coordenadoria de comunicação Social - CCS da UFRPE (anos 90).



## Movimento estudantil protesta em frente ao restaurante devido aos preços propostos pela reitoria da UFRPE para alimentação, após anos fechado

Fonte: DCE Odijias Carvalho (2010)

Essa dimensão política do RU faz parte da vida acadêmica e quando o objeto de tensão é a existência desse equipamento, a organização estudantil toma-o como ponto estratégico para a luta por melhores serviços e atendimento. Não foram poucas as reivindicações dos estudantes ao longo dos anos, o que incluía: reabertura do RU, melhores condições nas instalações físicas, melhoria na qualidade da alimentação e a luta constante pela gratuidade a todos os discentes.

Nos registros institucionais constam que, entre 2004 e 2006, houve a liberação da gratuidade na alimentação para uma categoria de estudantes denominados "comprovadamente carentes", assim, além dos residentes, esses estudantes também faziam as refeições sem

pagamento de taxas, com o fechamento do RU passaram a receber a bolsa Auxílio alimentação.

A seleção direcionada aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, não residentes, para realização das refeições gratuitas no restaurante deixou de existir a partir de 2012, por decisão político-administrativa da gestão da assistência estudantil. Em contrapartida a essa decisão, a UFRPE baixou os preços das refeições para todos os discentes. Passados dez anos dessa decisão, a pauta dos estudantes de gratuidade a todos ainda é encontrada na comunidade acadêmica.

<sup>28</sup> Blog DCE UFRPE – informativo eletrônico do Diretório Central dos Estudantes Odijias Carvalho de Souza (<https://dcerural.wordpress.com/category/atividades-do-dce/page/4/>). Relatório de Gestão da UFRPE (2004, 2005 e 2006).

<sup>29</sup> Relatório de Gestão da UFRPE (2004, 2005 e 2006)

Para mim é difícil encontrar um aluno hoje, que recebe, por exemplo, uma bolsa de monitoria de R\$ 350,00 e por ele não ser residente paga uma taxa para poder ter direito à alimentação.

Esse aluno às vezes precisa pagar o almoço e jantar, eu sei que a taxa é uma taxa pequena, mas é uma taxa pequena para quem? No meu ponto de vista seria importante, já que essa questão da alimentação é um direito e está lá Constituição Federal, se a alimentação é um direito e a gente tem aí também a Lei de Segurança Alimentar e Nutricional que diz que a questão da alimentação é um direito de todos e todas<sup>30</sup>.

É importante dizer que, desde a implementação da Política Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, o restaurante da UFRPE só apresentou melhorias.

Com os recursos necessários e uma gestão comprometida com a qualidade dos serviços, atualmente o RU é difundido pela própria comunidade discente como o melhor do Brasil.

<sup>30</sup> Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana, professora do Departamento de Ciências do Consumo, egressa do curso de Economia Doméstica da UFRPE e ex-usuária da residência estudantil entre 1997 e 2002

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmEZWp6u-2/?igshid=NjjcyZGVjMzk=>, acesso em 22 de jan de 2023.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmEZWp6u-2/?igshid=NjjcyZGVjMzk=>, acesso em 22 de jan. de 2023

## Cardápio Semanal do Almoço

ALMOÇO	Segunda 12/12	Terça 13/12	Quarta 14/12	Quinta 15/12	Sexta 16/12
PRATO PRINCIPAL 1	FRANGO AO FORNO COM ALHO FRITO	LOMBO SUÍNO COM CRISPY DE COUVE	FRANGO GRELHADO COM PÉTALAS DE CEBOLA	CHESTER À CALIFÓRNIA	CARNE DE SOL
PRATO PRINCIPAL 2	ALMÔNDEGAS À PIZZAIOLO	FRANGO À LA KING	MADALENA DE CARNE	BIFE AO MOLHO CHATEAUBRIAND	FRANGO AO MOLHO
NA GRELHA	ISCAS DE FRANGO ACEBOLADA	PEIXE COM LEGUMES	BIFE GRELHADO	PEIXE MEDITERRÂNEO	CUBOS DE FRANGO GRELHADO COM ABACAXI
FAST GRILL	FRANGO À KIEV	FESTIVAL DE MASSAS	ESCONDIDINHO	TORTA DE BACALHAU	ARRUMADINHO
VEGETARIANO	GALLO PINTO	QUICHE DE LEGUMES	CROQUETE DE GRÃO DE BICO COM MOLHO DE ERVAS	SALPICÃO VEGETARIANO	MOQUECA VEGETARIANA
GUARNIÇÃO	ESPAGUETE COM ALHO E MANJERICÃO - ARROZ CARIOCA - FEIJÃO PRETO	ABORINHA REFOGADA-ARROZ COM CHEIRO VERDE - FEIJÃO CARIOCA	BATATA DOCE AO FORNO - ARROZ COM CENOURA - FEIJÃO PRETO	FAROFA DE NATAL - ARROZ À GREGA - FEIJÃO CARIOCA	PURÊ DE MACAXEIRA - ARROZ COM CEBOLINHO - FEIJÃO MACASSAR
SALADA CRUA	MIX DE FOLHAS COM RABANETE	SALADA LIBANESE	TOMATE COM ALFACE E CEBOLA ROXA	MIX DE FOLHAS COM PASSAS	VINAGRETE COM FOLHAS
SALADA COZIDA	CENOURA CHEFS	REPOLHO COM ERVAS	BERINJELA COM FIMENTÕES	LEGUMES COM MAIONESE	SALADA MATUTA
SOBREMESA	MELÃO COM RASPAS DE LIMÃO	GELATINA	DUO DE FRUTAS	BOLO ANIVERSARIANTES	MELANCIA
SUCO	MANGA / CAJU	ACEROLA / ABACAXI COM HORTELÃ	GOIABA / UMBU	GRAVIOLA / UVA	TROPICAL / CAJU



558 curtidas

progestiru CARDÁPIO SEMANAL ALMOÇO

Ver todos os 2 comentários

12 de dezembro de 2022 · Ver tradução

Fonte: página do Instagram da progestiru(2022)

## Cardápio Semanal do Jantar

JANTAR	Segunda 12/12	Terça 13/12	Quarta 14/12	Quinta 15/12	Sexta 16/12
PRATO PRINCIPAL 1	PERNIL COM LIMÃO	GUISADO COM LEGUMES	FEITO FRANGO COM PALHA E ERVILHA	CHESTER À CALIFORNIA	FIGADO HÚNGARO
PRATO PRINCIPAL 2	ISCA DE FRANGO AO MOLHO CONCASSÉ	OVOS TEMPERADOS	FIGADO À PORTUGUESA	BIFE À CHATEAUBRIAND	FRANGO À MILANESE
NA GRELHA	PEIXE COM ABÓBORA	FRANGO AO FORNO	PEIXE COM ABOBRINHA	PEITO DE FRANGO COM FRUTAS	BIFE GRELHADO COM CEBOLAS
VEGETARIANO	PANQUECA VEGETARIANA	ALMÔNDEGAS AO SUGO	YAKISOBA VEGETARIANO	QUICHE COM BRÓCOLIS	TORTA DE LEGUMES
FAST GRILL	*****	RISOTO	ARROZ CARRETEIRO	FRANGO À MODA KIEV	*****
GUARNIÇÃO	BATATA DOCE	CUSCUZ	MACAXEIRA	ARROZ À GREGA	ESPAGUETE
SOPA	CANJA	SOPA DE LEGUMES COM CARNE	SOPA MINISTRONE	CREME DE BATATAS COM ALHO PORÓ	SOPA DE FEIJÃO
SALADA CRUA	ACELGA COM TOMATE E MANJERICÃO	DETERRABA COM ALFACE E CENOURA	MIX DE FOLHAS COM VINAGRETE	SALADA DE NATAL	SALADA AMERICANA (ACELGA, CENOURA, TOMATE E PALHA)
SOBREMESA	MELÃO COM RASPAS DE LIMÃO	GELATINA	DUO DE FRUTAS	BOLO DOS ANIVERSARIANTES DO MÊS	MELANCIA
SUCO	MANGA / ABACAXI COM HORTELÃ	ACEROLA / LIMÃO	GOIABA / UMBU	GRAVIOLA / UVA	TROPICAL / CAJU



403 curtidas

progestiru CARDÁPIO SEMANAL JANTAR

12 de dezembro de 2022 · Ver tradução

Fonte: página do Instagram da progestiru (2022)

Considerando que, "Os Restaurantes Universitários (RU) assumem um papel de grande relevância na permanência dos discentes em vulnerabilidade socioeconômica, não surpreendendo que em alguns casos este equipamento se torna a única opção de alimentação disponível<sup>33</sup>", a presença desse equipamento, que acaba desempenhando uma função social dentro das instituições de ensino, além de representarem um dos pilares da assistência estudantil, representam a efetivação do acesso a um direito essencialmente básico ao

ser humano que é o de se alimentar. É claro que ainda existem muitas lutas a serem travadas pela classe discente, a questão da gratuidade é apenas uma delas, mas a constante vigilância quanto a essa política de permanência, bem como às demais, deve sempre estar no horizonte daqueles que buscam garantir que a UFRPE seja uma universidade pública, gratuita, de qualidade e inclusiva; comprometida com o combate às desigualdades sociais.

## Vista interna do restaurante da UFRPE

Fonte: página Restaurante universitário da UFRPE no Facebook<sup>34</sup>(2016)



<sup>33</sup> CARVALHO, Camila Regina; VIANA, Francisca Diana Ferreira; RODRIGUES, Lásara Fabricia. Comer para aprender, criar e produzir: analisando a eficiência econômica dos Restaurantes Universitários das universidades federais brasileiras. Revista Meta: Avaliação, [S.l.], v. 13, n. 40, p. 700-723, sep. 2021. ISSN 2175\_2753.

<sup>34</sup>Disponível em: [https://www.facebook.com/rudaufupe/photos/pb.100057238758813.\\_2207520000\\_1145994875424510/?type=3](https://www.facebook.com/rudaufupe/photos/pb.100057238758813._2207520000_1145994875424510/?type=3), acesso em 22 de jan de 2023.

## Referências:

BRASIL. Estatuto da Universidade Rural de Pernambuco - aprovado na sessão de 04/11/1975. Brasília, DF: MEC, 1975.

CÂNDIDA, Aurilene, Alimentos do restaurante universitário da UFRPE contribuem no desempenho acadêmico de alunos. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/revista/alimentos-do-ru-da-ufrpe-contribuem-no-desempenho-academico-de-alunos>>, acesso em 21 jan. 2023.

CARVALHO, Camila Regina; VIANA, Francisca Diana Ferreira; RODRIGUES, Lásara Fabrícia. Comer para aprender, criar e produzir: analisando a eficiência econômica dos Restaurantes Universitários das universidades federais brasileiras. Revista Meta: Avaliação, [S.l.], v. 13, n. 40, p. 700-723, sep. 2021. ISSN 2175-2753. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/meta-avaliacao/article/view/3556>>, acesso em: 07 sep. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v13i40.3556>.

DCE UFRPE – Informativo eletrônico do Diretório Central dos Estudantes Odijás Carvalho de Souza. Disponível em : <https://dcerural.wordpress.com/category/atividades-do-dce/page/4/>, acesso em 21 de jan. 2023.

MOREIRA JUNIOR, F. de J., Pafiadache, C., Loose, L. H. Piaia, R., Scher, V. T., Peripolli, A., & Palm, B. (2016). Satisfação dos usuários do restaurante universitário da universidade federal de santa maria: uma análise descritiva. Revista Sociais E Humanas, 28(2), 83-108. <https://doi.org/10.5902/2317175814891>.

PROGESTI RU. Cardápio semana almoço. Recife. 12 dez 2023. Instagram: @progestiru. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CmEZWp6u-2/?igshid=NjicyZ-GVjMzk=>, acesso em 22 de jan de 2023.

\_\_\_\_\_. Cardápio semana jantar. Recife. 12 dez 2023. Instagram: @progestiru. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CmEZWp6u-2/?igshid=NjicyZ-GVjMzk=>, acesso em 22 de jan. de 2023.

UFRPE, Restaurante universitário na. O ladinho especial do RU. Recife, 25 de mar de 2016. Facebook: Restaurante Universitário da UFRPE. Disponível em: <https://www.facebook.com/rudaufrpe/photos/pb.100057238758813.>, acesso em 22 de jan de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Pró-reitoria de Planejamento. Relatório anual de Gestão 2006. Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. Pró-reitoria de Planejamento. Relatório anual de Gestão 2005. Recife, 2005.

\_\_\_\_\_. Pró-reitoria de Planejamento. Relatório anual de Gestão 2004. Recife, 2004.

# "A gente não A dimensão festiva assistência

As festas promovidas pelo antigo Departamento de Assistência Estudantil representavam momentos de descontração e alegria, uma forma de se desligar das dificuldades do cotidiano e



Registros fotográficos  
das confraternizações  
dos residentes

Fonte: Rêgo,  
Ricardo<sup>35</sup>.

<sup>35</sup> Acervo particular do servidor do antigo DAE, Ricardo Gonçalves Pereira Rêgo (fim dos anos 90). Designe elaborado em 10 de janeiro de 2023.

# quer só comida" do departamento de estudantil.

adversidades da vida de residente; dos conflitos interpessoais, da pressão que a vida universitária estabelecia, o que ajudava no espírito de coletividade entre os discentes.



Registros fotográficos das confraternizações dos residentes

## Residente canta em festa de fim de ano

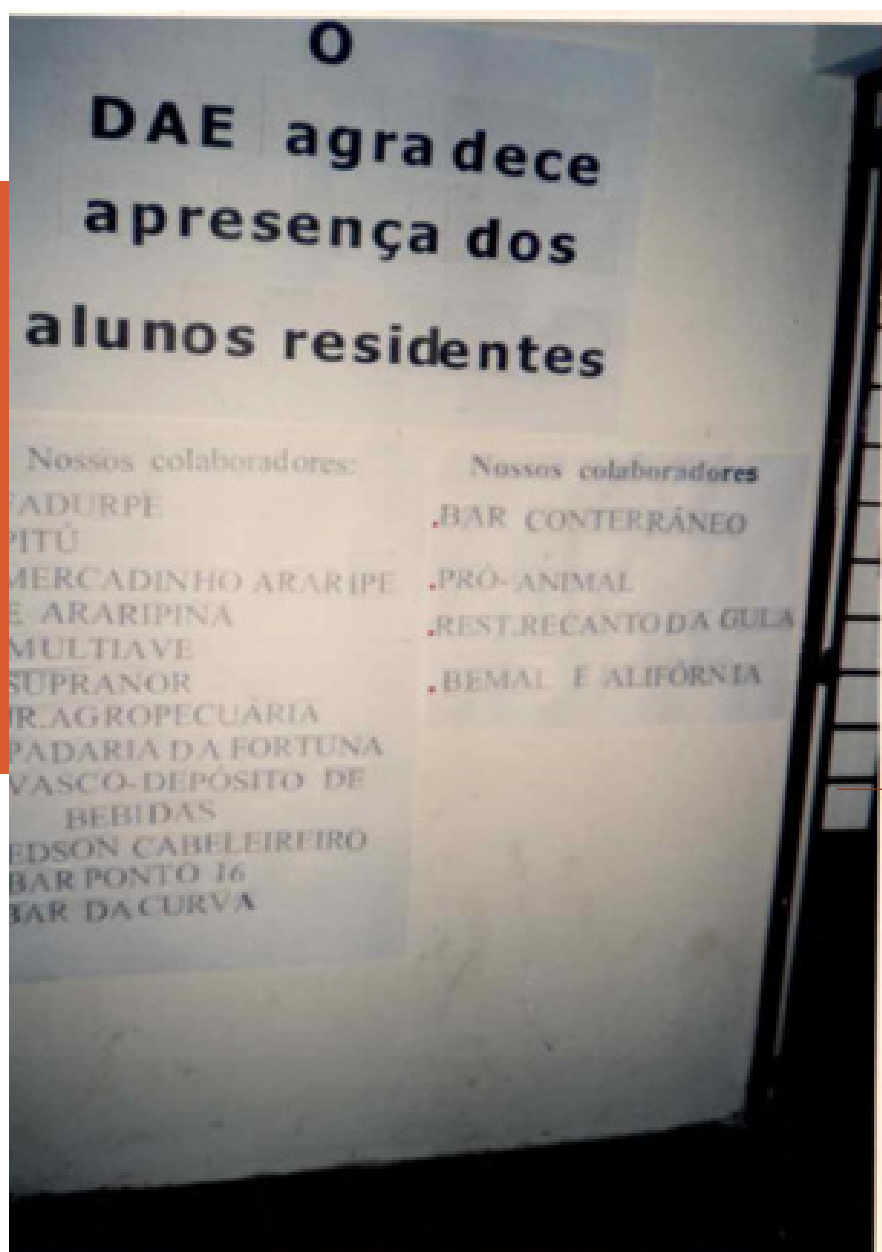
Fonte: Rêgo, Ricardo. (fim dos anos 90).



O apoio orçamentário advindo da gestão superior às festividades, na fala dos funcionários, era ínfimo ou nulo, o apoio ao DAE se dava mais enquanto logístico do que financeiro; em relação às festas promovidas para os residentes o apoio se dava em diversas ocasiões por meio de parcerias de empresas e da própria comunidade acadêmica. Apesar das dificuldades de fomento financeiro, existia sensibilidade por parte de



alguns diretores do DAE em oferecer, principalmente aos estudantes residentes, um momento de lazer àqueles que deixaram suas famílias, sua cidade, sua região para fazer o curso superior. A fotografia abaixo registra um agradecimento público às parcerias conseguidas pelo DAE naquele ano.



## Mural com agradecimento aos colaboradores da festa dos residentes

Fonte: Rêgo, Ricardo. (fim dos anos 90).

# ENTREVISTA

**Maria Zenia: “Nunca na minha vida, que eu filha de analfabeto, agricultor pequeno, ia estar, ter condições de estar onde estou hoje se não tivesse tido o apoio da política de assistência estudantil”**

Ex-estudante da UFRPE, hoje professora do Departamento de Ciências do Consumo, Maria Zenia Tavares da Silva fala sobre sua trajetória estudantil como discente e beneficiária da assistência estudantil da UFRPE.

**Por Simone Muniz, em janeiro de 2023**

**Simone Muniz:** Maria Zenia, podemos começar falando da sua formação e trabalhos relacionados a profissão?

**Maria Zenia:** Eu sou graduada em Economia Doméstica e trabalho como professora. Inicialmente no curso de Economia Doméstica e agora no Curso de Ciências do Consumo. Na questão da profissão, quando eu terminei, fiquei um tempo trabalhando em relação à profissão e muitos trabalhos com Movimentos Sociais que tem a ver com Economia Doméstica, também faço parte.

**Simone Muniz:** Naquele seu início na Rural, quando você começou a graduação, como foi aquele momento?

**Maria Zenia:** Eu sou do interior, sou do Agreste de Pernambuco, sou de Limoeiro. Eu não conhecia o curso de Economia Doméstica, foi uma professora lá de Limoeiro, do Ensino Médio, Segundo Grau na época, ela me falou desse curso, achei interessante, eu tinha intenção

de trabalhar com as famílias rurais, a questão da extensão. Ela explicou o que era o curso, fui fazer o curso e entrei na Rural em 1986.

Inicialmente, eu fiquei na casa de parentes e depois acessei a casa estudantil, a casa 04. Nem me lembro o ano, não sei se foi 87 ou 88 que entrei na casa, sei que não foi em 86 logo não, foi depois. Mas cursei Economia Doméstica, eu digo que a Rural é minha casa. Era o dia todo lá, a semana toda; de início eu viaja para o interior na sexta, voltava na segunda, mas depois fui ficando e foi mais escasso a ida para o interior. Mas sempre estava visitando a família.

Como estudante, depois mais ainda como estudante residente, usufruí do restaurante universitário. E durante minha trajetória estudantil, fui bolsista de monitoria, extensão, de pesquisa. Eu também fazia parte, que antes na Exposição de Animais, os estudantes iam para lá, como se fosse fazer a recepção, que os estudantes da casa, os residentes tinham uma prioridade. Como era estudante carente, estudante que tinha menos recurso, eu participei muito naquela recepção da Exposição de Animais.

Eu acho que vivenciei a Universidade, fiquei o tempo todo na monitoria, na extensão, na pesquisa, várias outras questões que tinha eu estava ali participando.

Fiz parte do DA, não fiz parte do DCE, mas indiretamente enquanto DA, o Diretório Acadêmico de Economia Doméstica, estava ali junto. Desde 86, a gente estava voltando a questão da redemocratização que eu estou nas ruas, na luta, para melhorar para mim e para todo mundo, principalmente para a universidade pública.

E as políticas de assistência estudantis são importantíssimas, eu digo por experiência própria, porque eu sou filha de agricultores, que saíram do sítio para morar na rua, na cidade, para que os filhos tivessem acesso à escola.

***Meus pais são analfabetos e não tinham condições, não tinha condição de jeito nenhum de sair de Limoeiro para vir para Recife bancar. Então, a residência, o restaurante, todas as políticas que favoreceu a permanência do estudante na casa, eu usufruí. Usufuí tanto que hoje sou professora da casa.***

**Simone Muniz:** Você ficou de 86 até que ano?

**Maria Zenia:** Por ter períodos de muitas greves, acho que eu coleei grau em 90, 91. Mas eu terminei a Licenciatura em Economia Doméstica, quando eu estava na Licenciatura, já terminando, começou o Bacharelado em Economia Doméstica e depois quando terminei, eu fiquei concluindo algumas disciplinas, concluindo para ficar com a Licenciatura e o Bacharelado em Economia Doméstica. Acho que devo ter ficado até 94.

**Simone Muniz:** Durante todo esse tempo você ficou na residência?

**Maria Zenia:** Fiquei na residência, de início, como falei, fiquei na casa de parentes, mas depois como era uma casa pequena e tinha essa possibilidade de ir para casa de estudante, eu fui. Fiquei na casa de estudante que contribuiu muito para a permanência na Universidade.

**Simone Muniz:** Sobre a residência, como foi o processo de ingresso? Sobre as vagas?

**Maria Zenia:** Eram 28 na casa das meninas, se não me engano. Os meninos tinham três casas, as meninas só uma. Acho que era entre 24 e 28. Acho que era 24! Eram poucas vagas. Demorou um pouco, por isso que acho que não entrei em 86, mas depois eu consegui.

Quando eu estava na casa, eu percebia que tinham algumas estudantes que não conseguiam e elas ficavam, o que a gente chamava de penetra, mas eram acolhidas por nós. Eu mesma acolhi algumas colegas que a gente dividia lá, dormia no chão, em um colchão. Mas eram poucas.

Depois quando eu terminei a Licenciatura, eu precisava continuar porque não tinha arrumado emprego ainda, nesse momento foi mais difícil para permanecer mais um tempinho na casa, mas eu consegui também. Quando eu saí da Universidade eu ingressei como professora do Ensino Fundamental, porque no Segundo Grau, Ensino Médio, eu fiz Magistério, que antes não exigia a graduação.

Quando eu estava terminando, eu fiz o concurso e pas-

sei no Estado como professora, então saí da Universidade e já ingressei no trabalho.

Mas como eu não queria ficar como professora de criança, mas também ensinei da primeira série até jovens e adultos, não queria ficar no Ensino Fundamental, continuei estudando e fiz o Mestrado em Nutrição, logo após fiquei como professora substituta na Universidade.

**Simone Muniz:** Foi na UFPE?

**Maria Zenia:** O Mestrado foi na UFPE. Eu fiquei como substituta na Rural. Um tempo depois abriu concurso, eu entrei na Rural em 2005 como professora, em janeiro de 2005.

Pelos meus cálculos, acho que o ano que vem posso me aposentar, se eu não perder alguma coisa.

**Simone Muniz:** Naquele momento que você chegou na Rural, você olhando para trás, você entende que a Universidade foi acolhedora com os estudantes? Ela se mostrava uma instituição acolhedora?

**Maria Zenia:** Acho que agora, não sei se é porque eu estou ali dentro, acho que agora estão escutando mais os alunos. Muita coisa fui descobrindo sozinha.

No Departamento de Economia Doméstica foi tranquilo, como estudante, teve uma relação mais próxima com os alunos e alunas, mas eu não senti dificuldade não.

Na casa de estudante, eu achei estranho no início, apesar da minha família ser grande, sempre muita gente.

Mas na residência era um monte de estranho, para mim foi difícil isso, foi difícil morar com muita gente estranha, me lembro que eu chorava um bocado de noite. Por isso que toda sexta feira eu ia, depois foi que foi mudando, fazendo amizades, ampliando as relações e fui me acostumando. Por isso que eu digo, a gente sofria, mas a gente gozava também; tinham as dificuldades, tinham as alegrias: as amizades que a gente fez, dentro da casa, na Universidade foi tranquilo. Agora, na casa foi um pouquinho difícil, acho que como era um monte de estranhas juntas.

**Simone Muniz:** Se você pudesse pontuar as principais dificuldades de morar na casa de estudante, quais eram?

**Maria Zenia:** Eu achei a questão do individualismo, tinha umas meninas que não se davam bem, brigavam. Uma coisa que me chamou muita atenção quando eu cheguei, me lembro que a gente recebia um colchão novo, eu lembro que logo quando eu entrei, uma menina que nem me conhecia nem nada, fez logo uma cara feia. Não foi assim um acolhimento. É como se fosse assim, mais uma estranha. Tinham umas meninas que ficavam falando de uma e de outra. Eu pensei, meu Deus se eu for escutar o que cada uma fica falando. É porque eu posso ser amiga de uma e a outra não pode ser, eu não gosto de uma e a outra gostar. Eu disse assim, não vou escutar ninguém, eu vou construir minha relação aqui e vejo como é que fica.

Foi bom para mim, porque a gente se aproxima mais de alguns do que de outros, mas não tive inimizade com ninguém não, mas também tinham umas que eu não tinha aproximação e nem fazia questão e nem elas faziam. As coisas boas foi que conheci outras pessoas, fiz amizade que até hoje continua e o que falei no início, a oportunidade que a casa deu para que eu tivesse condições de fazer outras coisas, que com certeza, mesmo que tivesse entrado na Universidade, se eu não tivesse tido apoio não teria condições de continuar, como ainda hoje acontece.

**Simone Muniz:** É verdade.

**Maria Zenia:** A gente está vendo com a pandemia como alguns estudantes estão ou desistindo ou trancando ou fazendo alguma coisa porque não tem condições de permanecer dentro da Universidade. E em relação a alimentação.

**Simone Muniz:** E sobre isso, a alimentação?

**Maria Zenia:** Quando eu entrei, a gente tinha a refeição de segunda a sexta, na sexta feira cada estudante recebia uma feira, que era para o café da manhã porque a gente almoçava e jantava. Era o café da manhã e final de semana. Nem sei se hoje é assim, manhã, tarde e noite.

**Simone Muniz:** Não, hoje é só almoço e jantar.

**Maria Zenia:** Então voltou ao período que era, porque quando eu estava saindo da Universidade era manhã, tarde e noite, toda a refeição era lá. Acho que também final de semana, nem me lembro mais.

**Tinha refeição que eu até chamava atenção, porque o pessoal tem o gênero alimentício, podia fazer uma comida melhor e não faz.**

A gente vê que é o interesse do profissional. Tinha uma amiga que dizia (ela não está mais aqui), quando eu ficava irritada com algumas coisas, isso já como professora na Universidade, quando as colegas não faziam o que tinha que fazer, como qualquer profissional, ela dizia: - Zenia, compromisso não se delega, ou a pessoa tem ou não tem.

Pensando nessa questão da alimentação, fazer uma comida boa é também ter à vontade, o interesse ou então faz de qualquer jeito. Mas não era ruim não, eu digo não era péssimo. Eu não esqueço um ovo frito boiando no óleo, com batata doce (risos).

**Simone Muniz:** Tinha essas coisas da qualidade que variava?

**Maria Zenia:** É, a qualidade. Mas deu para passar. E também a gente vai aprendendo novos hábitos de alimentação.

**Simone Muniz:** A história do RU na Universidade Rural é uma história de presença e ausência, como era para vocês residentes quando precisava, por exemplo, reformar o RU?

**Maria Zenia:** Eu não peguei esse momento de reforma, a reforma que eu peguei foi da casa que eu morava, a gente teve que sair da casa para ir para uma casa alugada lá em Apipucos<sup>36</sup> e a gente recebia lá a questão da alimentação.

Mas do RU eu não peguei, mas lembro que a gente fazia muito movimento quanto a qualidade da alimentação e quando começou a questão de cobrar uma taxa. O que eu acho é que deve ser igual as escolas, não é para cobrar taxa de nenhum aluno. Não é para só quem tem menos condições financeiras, mas para todos eles terem, como na escola pública, todo mundo recebe a alimentação e não paga por ela, não paga diretamente, a gente sabe que os impostos pagam. Então, acho que a Universidade poderia ser assim também.

**Simone Muniz:** Você fala em pagamento da taxa dos estudantes como um todo, por que vocês enquanto residentes em algum momento chegaram a pagar?

**Maria Zenia:** Não! A gente não pagava, porque a gente precisava. Para os estudantes residentes, a gente nunca pagou não. Teve um momento, que os alunos receberam uma bolsa, uma ajuda de custo, acho que foi no momento de reforma, mas eu não estava lá mais. Todo período em que passei na casa, era no RU ou na casa a questão da alimentação.

Mas o que quero chamar atenção é que a gente fez muita mobilização para não ter taxa, para melhorar a qualidade da alimentação. A gente vê que hoje, comparando com antes, a alimentação está bem melhor, tanto é que é comparado como uma referência na alimentação nas Universidades. É uma pena porque cobra por isso.

**Eu estou chamando atenção para isso, porque mesmo que seja uma taxa pequena, nem todo estudante**

**tem. Como os meninos podem estudar de manhã e à tarde, tem estudante que manda mensagem para o WhatsApp dizendo que não vai poder ficar porque não tem dinheiro para comprar almoço e nem para lanche.**

A gente vê que não é o fato de entrar na Universidade que consegue continuar, por isso chamo atenção. O preço, a gente vê que, comparando com a qualidade do alimento é um preço bom, não é um preço ruim não, mas nem todo mundo pode pagar. O ideal seria pagar quem é de fora, ou funcionário, técnicos, docentes, quem é de fora pagar, mas os estudantes não deveriam ter essa cobrança para eles.

**Simone Muniz:** Você falou agora do RU, mais recentemente existe esse discurso cristalizado que o RU da Rural é um dos melhores do país, você até já falou um pouco sobre isso. Como você vê esse discurso?

**Maria Zenia:** Eu concordo, porque de vez em quando eu almoço lá.

É uma refeição boa, melhorou bastante, tem dias que não é muito bom, até na nossa casa também é assim, não é?!

Eu já falei várias vezes para o reitor, cada vez que tenho a oportunidade de falar com ele; professor, a gente tem a lei da alimentação escolar que 30% é da Agricultura familiar, vamos ver a Rural. Porque também tem em hospitais públicos, tem a instituição militar também procura comprar. Ele diz: a gente está tentando, existe a dificuldade. Eu sei também porque eu faço parte do Fórum e já fiz parte também do Conselho de segurança alimentar e nutricional, uma das lutas nossas é garantir que os agricultores tenham condições de produzir e comercializar.

Não é só a Universidade querer compra, mas será que o agricultor tem? Para o agricultor ter o produto tem que ter uma assistência técnica, uma assessoria técnica, aí é uma questão estrutural. Mas ele sempre diz: a gente

<sup>36</sup> Apipucos é um bairro do Recife, localizado próximo ao bairro de Dois Irmãos onde fica a Unidade Sede da UFRPE.

tentando, existe a dificuldade. Eu sei também porque eu faço parte do Fórum e já fiz parte também do Conselho de segurança alimentar e nutricional, uma das lutas nossas é garantir que os agricultores tenham condições de produzir e comercializar.

Não é só a Universidade querer compra, mas será que o agricultor tem? Para o agricultor ter o produto tem que ter uma assistência técnica, uma assessoria técnica, aí é uma questão estrutural. Mas ele sempre diz: a gente está tentando, professora. Não só eu, mas outros colegas da Universidade estamos tentando. Isso como uma forma de permitir que a agricultura familiar permaneça e que a economia circule no local.

**Simone Muniz:** Maria Zenia, enquanto a estrutura das casas, da casa que você morava, tem como falar um pouco?

**Maria Zenia:** A casa que eu morava, morei no quarto, de início, que tinham oito pessoas, depois eu mudei para o outro quarto com seis pessoas. A gente tinha na casa uma sala de televisão, tinha uma mesa que era para estudar, mas era muito movimentado, não dava para estudar direito. Tinha uma sala que era os armários, os banheiros coletivos, uma cozinha bem pequena, porque a gente comia mesmo no Restaurante, era mais para o café da manhã e almoço final de semana, muita gente ia embora no final de semana.

A estrutura poderia ser melhor; a gente não tinha uma sala para estudo, uma sala que ficasse isolada para estudo, o que tinha era uma sala que todo mundo que entrasse na sala tinha que passar por ela. Recentemente eu estive lá na casa, está tendo reforma, eu até disse: - eu morei aqui! O pedreiro: - espero que faça uma boa avaliação.

**Pelo que eu vi, estava bem; estão fazendo um espaço lá atrás, onde estão fazendo o espaço para estudo, era de início essa proposta, mas não tinha condições, não dava condições para a gente ficar lá, não era confortável,**

**não estou falando luxuoso, mas um ambiente adequado para estudo.**

E muita gente estudava no quarto, cada quarto tinha suas regras, lá tinha gente que 22h apagava as luzes do quarto, quem fosse dormir entrava no escuro, no outro dia às 8h, acho, poderia acender as luzes. A gente se adaptava porque tinha que respeitar quem dorme cedo e quem acorda um pouquinho mais tarde. É um espaço coletivo.

E muitas vezes, cada quarto tinha uma mesinha de apoio para estudo do lado da cama, acho que tinha para cada um, nem me lembro mais, mas tinha uma mesinha de apoio.

Realmente, a casa está bem melhor do que antes, eu fiquei o tempo todo dizendo: - ah, como está bonito! Coisa boa! Porque, realmente a gente vê melhorar.

Já é ruim sair da nossa casa, geralmente é do interior, sair da nossa casa do interior, mesmo que seja "fraquinha" a família, essas coisas todinhas, mas é o nosso lugar. Depois chega para morar com um monte de estranho, sem ter conforto.

Não sei como é agora, mas quando a gente estava lá, a gente tinha um armário, dentro do armário a gente guardava roupa, livro, comida e panela. Mas parece que agora na cozinha vai ter um lugar para guardar.

**Simone Muniz:** E enquanto aos atendimentos por parte dos funcionários, como vocês se sentiam, enquanto estudantes residentes? As demandas que vocês levavam.

**Maria Zenia:** Você trabalha no Departamento de Assistência estudantil?

**Simone Muniz:** Eu trabalho hoje na Progesti (Pró-reitoria de assistência estudantil e inclusão), o prédio que hoje é anexo da Progesti é o antigo DAE, da sua época.

**Maria Zenia:** Não, o pessoal do DAE, meu Deus do céu, sempre me ajudou bastante, sempre foi muito acolhedor. Tanto é que fiz

amizade com eles, para mim foi bom, foi muito bom, sempre foram muito legais comigo, todos eles. Só um Diretor, que nem me lembro o nome dele, não foi muito legal, mas passou. Passou tanto que nem me lembro o nome dele. E parece que ele nem está mais na Rural.

**Simone Muniz:** Dentro da Universidade você viveu uma época em que a assistência estudantil não tinha uma grande abrangência, mas ainda assim você conseguiu ser usuária da residência, da gratuidade do RU, hoje você consegue, enquanto professora, visualizar a assistência estudantil, ter conhecimento sobre a assistência estudantil?

**Maria Zenia:** Eu escuto as colegas, porque nunca assumi cargo de Direção, nem de Coordenação de curso, mas elas falam que os meninos e as meninas estão tendo hoje mais apoio na questão de bolsa, para se manter. A Universidade fazendo o maior esforço para que os alunos continuem na Universidade, isso é uma coisa bastante positiva, que são as bolsas que ajudam.

Deixa eu só chamar uma atenção às bolsas, que quando eu estudei, acho que foi uma das primeiras turmas a ter o PIBIC. A gente enquanto estudante da casa, me lembro que a gente era muito mobilizado para garantir a melhoria para os estudantes como um todo, porque quando você falou das dificuldades chamei atenção para o individualismo, porque era assim, como eu tinha a bolsa, assim, eu posso comer em outro lugar, se o restaurante não está com a comida boa. É o paliativo, não continuar na luta para todo mundo, mas eu garantindo o meu está tudo bem.

As bolsas são importantes, mas a luta também é importante, você é Assistente Social e sabe disso.

**Simone Muniz:** Sim, essa mobilização pela coletividade há uns anos está um pouco fragilizada. Já estamos há uns anos sem DCE.

**Maria Zenia:** A dificuldade de formar um DA, um DCE. Quando eu estava na Universidade, saindo, o pessoal já

estava dizendo que já estava fragilizando. A gente lutou um bocado e teve muito mais luta pelo pessoal que viveu a **Ditadura**. Mas isso está na sociedade como um todo, nós, enquanto classe trabalhadora, perdemos tantos direitos e poucas pessoas vão para a luta.

E eu sempre digo aos estudantes, se vocês não falarem alguma coisa, para a gente vai estar tudo bem.

**A gente tem que lutar para melhorar para todo mundo. É a continuidade, não é só para a gente agora, no caso eles, não é só agora, mas para quem vem depois, quem vem depois também precisa porque o mundo não vai acabar com a gente.**

**Simone Muniz:** Se você quiser, você pode complementar e encerrar com algo que ache importante dizer nesse momento.

**Maria Zenia:** Eu queria só reforçar, o que na minha fala toda já coloquei; para mim é importantíssima essa política, tanto a residência, como o RU, as bolsas para pesquisa, ensino e extensão, a questão médica, tudo isso é importante para a permanência do estudante na Universidade.

Alguns já tem garantido, alguns que já vem de família que já tem condições, mas nem todo mundo tem e a gente vê que é a educação que melhora qualquer país no mundo.

Nunca na minha vida, que eu filha de analfabeto, agricultor pequeno, ia estar, ter condições de estar onde estou hoje se não tivesse tido o apoio da política de assistência estudantil. E é bom ressaltar que não é nenhum favor, a gente escuta que Lula e Dilma fizeram várias coisas, mas eles não fizeram nenhum favor, fizeram mais que a obrigação, mas eles tiveram a sensibilidade de fazer. E a luta tem que continuar porque eles não fizeram do jeito que a gente queria, se tivesse feito a gente não tinha sofrido o que sofreu.

**Simone Muniz:** Sempre pode melhorar.

mundo, ou quando não tem desigualdade, mas é difícil não ter. Acho que é isso aí.

**Maria Zenia:** Melhorar porque é bom para todo mundo.

Quando o país diminui a desigualdade é bom para todo

**Simone Muniz:** Muito obrigada!

## Odijas Carvalho de Souza.



Fonte: página memorial da resistência<sup>37</sup>

Não há como falar de luta durante o período da ditadura, sem falar do alagoano de Atalaia, Odijas Carvalho de Souza. Ele era estudante de agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Liderança das mais ativas no movimento estudantil, inicialmente militante do Partido Comunista Brasileiro, estava sempre presente nas assembleias, passeatas e comícios relâmpagos. Participou do Congresso da UNE realizado em Niterói em 1967.

Vinculado ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, Odijas Carvalho de Souza foi preso em 30 de janeiro de 1971, por volta das 6h horas da manhã, na praia de Maria Farinha, município de Paulista, em Pernambuco. Foi barbaramente torturado durante 17h seguidas: das 11h do sábado, 30 de janeiro, até 4h da madrugada do domingo, 31 de janeiro. Segundo os depoimentos de Lylia Guedes, Alberto Vinícius, Tarzan de Castro e Maria Cristina Rizzi, presos em celas contíguas, diversos policiais e delegados se revezaram nos espancamentos e torturas. Diante da extrema gravidade de seu estado físico, não restou alternativa aos seus algozes senão encaminhá-lo ao Hospital da Polícia Militar de Pernambuco, em 6 de fevereiro. Dois dias após o seu ingresso, em 8 de fevereiro de 1971, Odijas veio a falecer em consequência das torturas<sup>38</sup>.

O Diretório Central dos Estudantes – DCE da UFRPE leva seu nome em sua homenagem.

<sup>37</sup> Fonte: Disponível em <<http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/odijas-carvalho-de-souza/>>, acesso em: 21 de jan. de 2023.

<sup>38</sup> Fonte: Disponível em <[https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/uploads/r/arquivo-publico-estadual-jordao-emerenciano/b/9/2/b92105ae79859c9c76a7cc3416367b1d5cc6fb7496a387ad675f0b80d80b70d6/b29a2c34-83ce-471a-b3ae-0e69056c1eb3-ODIJAS\\_CARVALHO\\_DE\\_SOUZA.pdf](https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/uploads/r/arquivo-publico-estadual-jordao-emerenciano/b/9/2/b92105ae79859c9c76a7cc3416367b1d5cc6fb7496a387ad675f0b80d80b70d6/b29a2c34-83ce-471a-b3ae-0e69056c1eb3-ODIJAS_CARVALHO_DE_SOUZA.pdf)>, acesso em 21 de jan. de 2023.



